

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO

Valores Corporais: a influência (estética) da mídia nos corpos adolescentes

Daniela Cristina de Lima

Belo Horizonte  
2009

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO

Valores Corporais: a influência (estética) da mídia nos corpos adolescentes

Monografia desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física / Licenciatura

Orientador: Gustavo Côrtes

Daniela Cristina de Lima

Belo Horizonte  
2009

## EU, ETIQUETA

“Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório,  
um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produto  
que nunca experimentei  
mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente,  
meu copo, minha xícara,  
minha toalha de banho e sabonete,  
meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,  
letras falantes,  
gritos visuais,  
ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito, premência,  
indispensabilidade,  
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É doce estar na moda, ainda que a moda  
seja negar minha identidade,  
trocá-la por mil, açambarcando  
todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,  
ser pensante, sentinte e solidário  
com outros seres diversos e conscientes  
de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio,  
ora vulgar ora bizarro,  
em língua nacional ou em qualquer língua  
(qualquer, principalmente).  
E nisto me comprazo, tiro glória  
de minha anulação.  
Não sou – vê lá – anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender  
em bares festas praias pérgulas piscinas,  
e bem à vista exibo esta etiqueta  
global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência  
tão viva, independentemente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiosincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam,

e cada gesto, cada olhar,  
cada vinco de roupa  
resumia uma estética?  
Hoje sou costurado, sou tecido,  
sou gravado de forma universal,  
saio da estamperia, não de casa,  
da vitrina me tiram, recolocam,  
objeto pulsante mas objeto  
que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente”.

(Carlos Drummond de Andrade – Do livro “Corpo”. 10ª ed. Record, 1987)

## RESUMO

Esse estudo teórico teve como objetivo pesquisar a influência da mídia na construção dos corpos de adolescentes, além de fazer um recorte histórico e cultural sobre o conceito de corpo e suas relações com o mundo social em que está inserido. Reafirma-se que esse tema seja tratado nas aulas de Educação Física, uma vez que os alunos certamente não terão outro momento e espaço para questionar os sentidos de corpo na atualidade. Para isso é importante que o professor (a professora) de Educação Física compreenda e possibilite que seu aluno (sua aluna) também possa compreender que a construção do corpo é cultural e depende das relações que os sujeitos tecem ao longo da vida, bem como de valores construídos pela sociedade que dita a maneira de ser dos corpos, possuindo a mídia um papel marcante nessa questão. A mídia é apreendida então, como um “local pedagógico” que orienta a atuação dos adolescentes sobre seus corpos, o que reflete padrões estéticos selecionados pela sociedade como os ideais para todos os corpos. A problematização dessa influência e dos padrões estéticos nas aulas de Educação Física a partir das visões dos alunos sobre os seus corpos deve suscitar uma reflexão que inicie uma compreensão melhor de que os corpos são diferentes e todos têm o seu valor, o que pode criar uma busca pela “beleza da dignidade” que contemple os diferentes corpos e os valorize.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	06
2- CORPO TOTAL.....	08
2.1- Corpo Cultural.....	09
2.2- Identidade corporal.....	11
3- LIBERAÇÃO DOS CORPOS: A ESTÉTICA.....	15
4- CORPO CONSUMIDO: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA.....	18
4.1- Locais pedagógicos.....	22
5- A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA ESCOLAR.....	25
5.1- O corpo como conteúdo da Educação Física.....	28
6- A ADOLESCÊNCIA COMO FOCO DE ESTUDO.....	32
7- VISÕES DOS ALUNOS: O INÍCIO DE TUDO.....	34
8- REFLEXÕES CONCLUSIVAS: EMBELEZAR O CORPO COM DIGNIDADE E ÉTICA, O DESAFIO DE TODOS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

## 1- INTRODUÇÃO

Este estudo buscou investigar a temática da relação entre mídia e corpo, no que diz respeito à questão da estética corporal de adolescentes. A Educação Física como componente curricular obrigatório na escola é um local mais do que legítimo para problematizar questões corporais tratando o corpo em sua totalidade, mesmo não sendo o único local para esse questionamento.

A partir de minha inquietação com a maneira como a crítica aos padrões (de beleza) de corpo tem sido negligenciada não apenas na sociedade, mas também na escola, procurei fazer um recorte histórico, cultural e filosófico desse corpo que é a nossa primeira razão de ser.

O corpo tem sido tratado por diversos meios como os de comunicação e por estudos acadêmicos principalmente na área das ciências sociais como a antropologia e a filosofia. A mídia tem exercido uma influência significativa na construção dos corpos das pessoas, principalmente dos adolescentes. Esse mecanismo cultural tem usado o jogo de imagens e imperativos de corpo ideal pautados no mercado de consumo para convencer os adolescentes a consumir aquela idéia. Constatar como essa influência impacta a sociedade (e os jovens) e criticá-la no sentido de não apenas negá-la simplesmente, mas de compreender que existem relações de poder ligadas a essa tendência é essencial para se ter um entendimento melhor sobre a formação dos corpos e perceber que essa formação não ocorre de forma natural, e sim cultural.

Investigar sobre o corpo em sua totalidade e sobre a influência da mídia nos corpos, especialmente dos adolescentes, é importante para que o professor (a professora) de Educação Física tenha o conhecimento e um certo domínio da temática para problematizar essa questão com seus alunos com maior clareza dos significados atribuídos aos corpos. Isso ajudará o professor em sua prática pedagógica quando questões relativas ao corpo surgirem, buscando promover a inclusão de todos os alunos nas aulas, provocando reflexões nos mesmos e impedindo discriminações, pois o professor terá

conhecimento e argumentos para conter qualquer idéia discriminatória que os alunos possam ter para com os colegas.

Também seria importante que esse tema fizesse parte do planejamento das aulas do professor, bem como do projeto político pedagógico da escola em questão, pois na maioria das vezes o sujeito só terá acesso a esses questionamentos na escola, e mais ainda nas aulas de Educação Física.

Como início da problematização, penso que buscar as visões que os alunos possuem sobre seus corpos e os de outras pessoas é a chave para o começo de uma compreensão. O que faz surgir dúvidas e a partir delas perguntas vão emergir, e o pensamento poderá ganhar através de orientações do professor proporções maiores no sentido de se atentar para a questão, e de perceber que os fatos não são tão naturais assim e que na realidade não existe um corpo único e ideal, pois todos os corpos são diferentes.

De acordo com Souza (2003, p.9) apesar de haver uma mudança no sentido de perceber o corpo com trabalhos recentes nas “áreas de educação, filosofia, sociologia e psicologia e na área da educação física, na maioria dos casos” as questões relativas ao corpo na área da educação tem se “materializado em discussões isoladas ou ainda calcadas na dualidade”.

Soares (1999, conforme SOUZA, 2003, p.9) coloca que:

o corpo como primeiro plano da visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura, ou o corpo como o lugar onde a mão adulta marca a criança, como espaço de imposição de limites psicológicos e sociais... tem sido pouco considerado no campo da educação e, mais especificamente, no campo da educação física (p.5).

Daí a necessidade de que mais pesquisas na área da educação e da educação física sejam abordadas para que com isso professores e professoras possam buscar compreensões sobre o corpo para melhor guiarem as questões referentes a essa temática em suas aulas.

## 2- CORPO TOTAL

O corpo passou por diversas interpretações e transformações ao longo da história desde os primórdios à atualidade. Na antiguidade o controle do corpo estava voltado para a sua manutenção relacionado com o meio ambiente e o cosmo. Com a medicina hipocrática e as tendências de inspiração naturalista e cristã se expressava “uma vontade de manter o corpo submetido às regras morais, ou à ordem considerada natural e cosmológica” (SANT’ANNA, 2001, p. 5). De acordo ainda com a autora, de forma contrária, no mundo contemporâneo a pretensão é “controlar os corpos liberando-os cada vez mais de suas origens culturais, morais, religiosas e genéticas”. O que nos revela que hoje diversas intervenções no corpo tem sido banalizadas, mas que ainda assim há um controle e uma manipulação sobre o mesmo.

Para se compreender o corpo e sua construção na amplitude que isso induz é necessário o estudo a partir de diversas áreas como a antropologia, biologia, psicologia, filosofia, história e sociologia. Vou me atentar a tratar o corpo em sua totalidade, enfatizando alguns aspectos históricos, sociais, e culturais.

Sant’anna (2001, p. 3) faz uma descrição do corpo da seguinte forma: “território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida”. A dimensão biológica do ser humano é importante, uma vez que somos pertencentes à mesma espécie e possuímos características semelhantes. Os fatores genéticos podem determinar características físicas e até mesmo psicológicas, mas a construção do corpo humano depende mais das experiências sociais e determinantes culturais os quais os indivíduos terão em suas trajetórias de vida.

E por existirem sociedades e culturas diferentes em todos os espaços possíveis e por isso pessoas diversas também em suas singularidades, os corpos são distintos e da mesma forma como representam a própria identidade dos seres podem não revelar tudo o que as pessoas são. Sant’anna (2001, p. 3) destaca que o “corpo de um indivíduo pode revelar

diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los”. Isso nos mostra como o corpo é um “lugar” complexo e contraditório. Não ficarei presa aqui a dicotomias do tipo corpo e mente, pois considero o corpo como algo único, a nossa existência no mundo, já que sentimos, pensamos e agimos com ele <sup>1</sup>.

Gonçalves (1994, p. 64) discorre sobre o sentido do corpo em Merleau-Ponty, destacando que o pensamento desse autor é de grande importância para a Educação Física porque “possibilita uma visão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana”. Esse filósofo busca a compreensão do homem de maneira integral e para ele o homem é ambigüidade. E coloca que no homem estão presentes o mundo do corpo e o mundo do espírito, “sendo, ao mesmo tempo, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, corpo e espírito, natureza e cultura, num movimento que é a própria vida e o tecido da história”.

Santiago Pich (2005, p. 109) destaca que apesar do corpo começar a ser tratado ontologicamente na constituição do ser humano nas primeiras décadas do século XX com Sigmund Freud, Maurice Merleau-Ponty e Marcel Mauss “é nas décadas de 60 e 70 que o corpo torna-se um objeto de estudo aceito no campo das Ciências Sociais e Humanas e que atualmente já conta com um status nobre nesse campo científico”. O autor coloca que o “corpo passa a ser visto como o lócus de inserção do homem na cultura”.

## **2.1- Corpo cultural**

Para compreender o corpo cultural é necessário saber sobre o conceito de cultura. Uma das abordagens destacada por Laraia (p. 63) é a que considera a cultura como sistemas simbólicos, e um dos antropólogos que desenvolveu essa abordagem é Clifford Geertz, nos Estados Unidos. Ele considera a cultura “não um complexo de comportamentos concretos mas um

---

<sup>1</sup> Referência ao título do livro de GONÇALVES, M. A. S. / Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Isso nos revela que o comportamento de cada pessoa está associado à realidade social, econômica e cultural a qual ela está inserida. Laraia (p. 64) conclui que “estudar a cultura é portanto estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura”.

Assim sendo, por ser entendido como o próprio indivíduo, o corpo também se forma culturalmente. Daólio (2007, p. 35) afirma que “a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura”. Desse modo, o corpo se forma a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, incorporando valores, crenças, tradições e significados inseridos em um contexto social que influenciam esses determinantes, revelando usos e comportamentos diferentes desse corpo.

Então, pensar o corpo como uma construção cultural é possível porque “cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes” (DAÓLIO, 2007, p. 36). E por isso a importância de investigar as características da sociedade em que determinados corpos estejam presentes, uma vez que cada sociedade e em épocas diferentes possuem e possuíam valores distintos ao conceber e significar seus corpos.

O ser humano desde o nascimento aprende as tradições de seu grupo social através da transmissão da cultura por meio de símbolos. Cultura essa que não cessa, que se modifica com o tempo, a partir das ações que os sujeitos desenvolvem sobre ela, e que envolve relações de poder. E é por meio do seu corpo que o homem “vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração” (DAÓLIO, 2007, p. 39).

Goellner (2003) discorre que o corpo não é:

...algo dado a *priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (p. 28).

Dessa maneira, a forma como os corpos se expressam está relacionada aos valores culturais existentes no meio em que atuam. O corpo

também é construído pela linguagem, sendo que ela “tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável” (GOELLNER, 2003, p. 29). Para a autora essas representações não são nem universais e nem fixas, pois dependem do contexto em que ocorrem e são temporárias, criadas a qualquer momento.

A cultura é apreendida como um mecanismo de controle essencial para a regulação do “comportamento público do homem” (DAÓLIO, 2007, p. 35). Essa regulação que domina os diversos comportamentos do corpo pode ocorrer a partir da influência de várias instâncias culturais como: instituições políticas; econômicas; trabalhistas; religiosas; educacionais (escolas); além da família, de grupos sociais; e também por estruturas intrínsecas do ser (que de alguma forma se baseia em experiências externas). E o corpo vai se formando através de múltiplas influências presentes na sociedade em questão, consciente ou inconscientemente. Saber até que ponto essas instâncias determinam os corpos é um desafio que induz estudos.

Daólio (2007, p. 38) destaca que Marcel Mauss “considerou os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, passíveis de transmissão através das gerações e imbuídas de significados específicos”. Por isso a construção do corpo, bem como as suas ações estão totalmente ligadas ao meio em que esse corpo vive e se relaciona.

Portanto, como afirma Daólio (2007, p.40) “o homem aprende a cultura por meio do seu corpo”. E não há outra forma de sentir e vivenciar as muitas experiências da vida senão pelo corpo.

## **2.2- Identidade corporal**

A identidade corporal passa pela identidade pessoal que cada um tem de si, e elas fazem parte de um todo que é o indivíduo social, corpo social que enfrenta diversas experiências em sua vida, as quais influenciarão na construção dessa identidade. Goellner (2003, p. 39) destaca que “a

individualização das aparências tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade, o locus a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos”. Mesmo que a simples aparência não retrate tudo o que aquele corpo é, esse representa sim muitos significados que caracterizam determinada pessoa.

Os padrões estéticos corporais passaram ao longo do tempo por diversas transformações e é importante perceber que eles nem sempre foram os mesmos. Eles se modificaram ao longo dos anos e constituem a identidade corporal de cada pessoa, a qual se transforma em cada época porque os valores culturais mudam de acordo com as necessidades e preocupações dos sujeitos (SANT’ANNA, 2002).

Compreender a história que o “corpo” teve ao longo dos anos é importante para se problematizar como os padrões estéticos são passageiros, como as relações que o ser humano faz nos diversos contextos mudam. E dependendo da necessidade imposta em tal momento os corpos “são colocados no terreno do intolerável e da deficiência”, como no caso de obesos e gordos que são apreendidos como na doença (SANT’ANNA, 2002, p. 30). Já em outros tempos, como destaca a autora, “um pouco de gordura representava formosura”, saúde, sucesso e distinção social.

A partir disso, percebe-se o quanto vários determinantes culturais de uma certa época e em determinada sociedade podem influenciar a construção da identidade corporal de cada indivíduo. De acordo com Sant’anna (2002, p. 28) a época passada parecia ser mais “carregada de restrições ao corpo e de negação da expressão da identidade de cada um”, ao passo que a atual “ganhou leveza e se tornou muito mais solidária ao fomento dos prazeres pessoais”. Hoje, apesar de existir uma certa liberdade individual ao construir a identidade corporal, ainda há valores que são explicitados como os mais válidos e que acabam por manipular essa construção.

A imagem corporal possui um lugar central na edificação da identidade corporal, e a partir da percepção que cada um tem de seu corpo é entendida como “uma entidade física vinculada às experiências subjetivas nessa percepção e dos sentimentos relativos ao seu próprio corpo” (MELO, 2005, p. 174). O autor ainda destaca que o julgamento de valores que fazemos

com nós mesmos surge, e isso ocorre devido à relação afetiva pessoal e às relações sociais. Ou seja, a forma como vemos o nosso corpo tem a ver com as diversas experiências pessoais e também com as experiências sociais que vamos vivenciando ao longo da vida. Shilder (1999, p. 266) destaca que “as imagens corporais são, em princípio, sociais”.

Melo (2005, p. 175) descreve uma citação colocada por Duarte (2000, p. 62) que “a imagem corporal é a maneira como as pessoas se percebem e é igualmente importante a maneira como elas pensam que os outros a vêem”. Dessa forma, a imagem corporal não está somente ligada à visão que o indivíduo tem de si, mas também das relações que ele possui com outras pessoas, assim como do imaginário que ele julga que elas possuem sobre sua imagem. De acordo com Shilder (1999, p. 13) “a experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos outros estão intimamente interligadas”. E a partir disso percebemos como as imagens corporais se influenciam e podem ser influenciadas por outros determinantes também, como é o caso de discursos e imagens veiculados pela mídia. Desse modo há a atribuição de que a imagem corporal é “socialmente determinada pelos valores e padrões de corpo que a sociedade preconiza” (MELO, 2005, p. 175).

Shilder (1999, p. 12) discorre que existe “sempre uma personalidade que experimenta a percepção” e que essa personalidade é um “sistema de ações e tendências para a ação”, o que remete a emoções também. Essa personalidade é que atua sobre a compreensão de imagem corporal do indivíduo, bem como sobre as atitudes que ele possui ao intervir nessa imagem de seu corpo.

A imagem corporal não é algo acabado, ela se modifica de acordo os desejos pessoais e as diversas experiências a que esse corpo se submete. Shilder (1999) revela que:

Quando criamos uma imagem corporal adequada a nossas necessidades e tendências, esta não permanece inalterada – há um fluxo contínuo, e cada cristalização é imediatamente seguida por um estágio plástico, em que são possíveis novas construções e esforços, de acordo com a situação emocional do indivíduo (p. 267).

A imagem corporal ainda se relaciona com a noção de consciência corporal. Filho (1991, citado por Melo, 2005, p. 175) conceitua que o “que define a consciência corporal do Homem é a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo pelos aspectos socioculturais de momentos históricos determinados”. O fato é que essa compreensão pode tanto ser alienada, seguindo valores sociais impostos pela sociedade que controlam o modo de atuar dos corpos, ou ser uma compreensão pautada na realidade, retratando uma reflexão crítica sobre as imagens que impregnam os diversos corpos.

Um dos maiores problemas relacionados à imagem corporal diz respeito ao fato de que ela pode sofrer uma distorção por parte do indivíduo que a julga. Saikali *et al* (2004, p.165) citam que existem dois processos que promovem atitudes e comportamentos com relação à imagem corporal: o reforço social e a modelagem. O reforço social refere-se ao “processo por meio do qual pessoas internalizam atitudes e comportam-se mediante aprovação dos outros”. Isso tem a ver com a vida em sociedade a qual impõe maneiras de ser e de atuar aos indivíduos. Já a “modelagem refere-se ao processo em que o indivíduo observa comportamentos de outros e os imita”. O que ocorre sempre no cotidiano, pois a transmissão da cultura se dá por meio de símbolos e estes são impregnados nas pessoas, tendo a mídia uma posição central nestes dois processos. A partir disso, muitas pessoas na atualidade tem apresentado distorções de imagem corporal, o que pode levar a distúrbios diversos tais como os alimentares (anorexia nervosa e bulimia nervosa) e depressões. O indivíduo com esses distúrbios enxerga seu corpo sempre acima do peso e com defeitos, e as tentativas de se mudar isso são inúmeras, como dietas e vômitos, representando transtornos alimentares.

### 3- LIBERAÇÃO DOS CORPOS: A ESTÉTICA

A liberação dos corpos tem sido uma constante desde o início do século XX. Sant'anna (2001, p. 17) coloca que nos últimos cinquenta anos a “tentativa de tornar o corpo de cada um algo independente do patrimônio cultural e genético vem ganhando um número crescente de adeptos”. A fim de se livrar das barreiras que controlavam e ainda controlam o corpo dos sujeitos há todo um investimento nessa busca pela liberdade dos corpos, no sentido de que tudo é necessário e viável para se construir um corpo desejado.

Para Sant'anna (2001):

reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginásticas, regimes etc. – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades (p. 18).

Daí a idéia de que os valores corporais não são naturais, que sofreram e sofrem influências diversas da cultura e ao longo da história, e vão se modificando de acordo com as necessidades dos grupos sociais e da sociedade como um todo.

Sant'anna (2001, p. 18) aponta que há diferentes formas de compreender as razões dessa tendência e que “cada uma delas expressa ambições de conhecer e de controlar o corpo e, ao mesmo tempo, limites e fragilidades típicas da ciência e da técnica contemporâneas”. A autora expõe algumas dessas razões: a hipótese do corpo como o último território a ser explorado; a hipótese do corpo como a única posse e como território do exercício da liberdade individual; a hipótese de que é pelo corpo que se mostra o melhor de si; contra a “top-modelização” absoluta.

A hipótese do corpo como último território a ser explorado nos revela que após o homem ter explorado toda a natureza só sobrou o corpo para ser descoberto (SANT'ANNA, 2001, p. 18). E o corpo passa a ser investigado, manipulado na tentativa de se conhecer mais sobre ele e de modificá-lo com base em interesses diversos. Sant'anna (2001, p. 19) ainda coloca: “comércio do corpo e produção de seres transgênicos: quanto mais

partes do corpo tornam-se “materiais de exploração e de investigação”, menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais”. Isso mostra como a construção do corpo tem sido apreendida como uma mercadoria acessível.

A hipótese do corpo como a única posse e como território do exercício da liberdade individual nos mostra a necessidade do ser humano de exercer a sua liberdade de transformação sobre esse território que é único a cada um (SANT’ANNA, 2001, p. 19). A autora destaca que existe o imperativo de se ostentar o que “se tem, frisar a posse, para si e para os outros” e que ocorre um grande problema que pode causar descontrole e sofrimento quando há distância “entre o que se quer do corpo e o que ele é”. Isso vem acontecendo muito na contemporaneidade, pois boa parte dos indivíduos tem se tornado pessoas frustradas por não conseguirem possuir um corpo coerente aos desejos que se almejam para o mesmo.

Já a hipótese de que é pelo corpo que se mostra o melhor de si retrata que numa sociedade em que o corpo tornou-se tão importante é “pela aparência física, sobretudo, que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade” (SANT’ANNA, 2001, p. 20). E a partir disso vale tudo para modificar a aparência, para parecer mais jovem e “fazer com que o corpo continue correspondendo ao que cada um sonha mostrar de si”. Com isso a imagem adquire um papel central na maneira de se julgar uma pessoa, quando na verdade a pura e simples imagem corporal de um ser ao mesmo tempo em que diz sobre o mesmo, pode não dizer nada sobre ele, pois é impossível conhecer uma pessoa apenas pela aparência que ela tem.

Contra a “top-modelização” absoluta diz respeito às metamorfoses que modificam o corpo e que fazem “contestação à homogeneização das aparências, ao imperativo do “seja sempre jovem” e à intensa exploração comercial dos organismos” (SANT’ANNA, 2001, p. 20). A autora destaca que entre os anos de 1980 e 1990 a intenção passa a ser a de “tratar o corpo como algo que pode ser reconfigurado, porque ele já é um ser artificial”. Mas, ao mesmo tempo em que essas metamorfoses ligadas à “arte” contestam a top-modelização das aparências elas não “escapam completamente da expansão global do totalitarismo fotogênico” SANT’ANNA (2001, p. 21). O que torna algo dotado de tendências e imposições assim como a própria “top-modelização”.

Foucault (2006, p. 147) destaca que para conter a liberação do corpo há um novo investimento que passou da forma de controle-repressão para a de controle-estimulação, em que tudo é necessário e alcançável para se ter um corpo ideal. Nos dizeres de Foucault “fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!”. Atualmente a busca pela estética corporal tem revelado várias formas de intervenção nos corpos. Dietas, atividades físicas, consumo de produtos e moda, e até cirurgias plásticas vem sendo adotadas muitas vezes sem uma crítica sobre as mesmas, e são estimuladas pela mídia largamente.

Kant (1995, citado por Marasca, 2005, p. 177) define a idéia de juízo de gosto como um juízo estético e subjetivo, orientado pelo “sentimento de prazer ou desprazer causado no sujeito pelo objeto”. E esse juízo implica “uma comunicabilidade universal do sentimento de prazer ou desprazer”. A partir disso, podemos perceber o quanto gostos e valores estéticos corporais podem ser compartilhados pelos sujeitos, definindo conjuntamente o que é belo e valorizado na sociedade, que padrão de corpo é ideal e desejado pelas pessoas.

#### **4- CORPO CONSUMIDO: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA**

Atualmente estamos passando por um período em que o corpo tem um local de destaque na sociedade e nas suas relações. A maioria das pessoas se preocupa com a estética corporal e investe nas tentativas de modificar e melhorar o seu corpo. É preciso compreender que há uma série de esteriótipos por detrás dos padrões estéticos corporais que acabam por influenciar não só a aparência física como também o modo de se vestir, se arrumar e atuar desses corpos, a fim de se alcançar o tão desejado corpo ideal. O grande problema é que além desses valores serem forjados fora da realidade, e constituírem mecanismos de alienação de consumo, eles podem provocar possíveis discriminações, preconceitos, doenças psíquicas e insatisfações constantes.

Muitas são as práticas seguidas à risca para se almejar conquistar um corpo que esteja na moda, um corpo magro, belo, saudável e quem sabe musculoso ou durinho, e com isso um corpo jovem, nos dizeres do senso comum. Atividades físicas intensas, dietas, cirurgias plásticas, uso de drogas e medicamentos são alguns dos sacrifícios que os indivíduos se submetem para estar em forma, aliados à indústria da moda e ao uso de cosméticos. O que é preocupante é que isso tem ocorrido cada vez mais precocemente e sem uma reflexão coerente. Sant'anna (2002, p. 30) destaca que um dos graves problemas da atualidade em nossa sociedade é que “a valorização dos corpos tende a estar diretamente relacionada com a suposta capacidade de produzir e de consumir rapidamente quantidades imensas de bens, sejam eles materiais ou imateriais”. Isso nos revela o quanto os valores econômicos, sociais e culturais estão imbricados em nossa maneira de agir com o corpo.

De acordo com Villaça e Góes (1998, p. 39), “à sociedade de produção segue-se a de consumo, na qual a percepção do corpo é dominada pela existência de uma vasta gama de imagens que propõem padrões de representação corporal”. Dessa forma, os meios de comunicação utilizam desses padrões de representação para vender o produto que desejam impor às pessoas. Através da televisão, do rádio, da internet, mas principalmente da

mídia impressa as imagens de modelos de corpo são colocadas como filosofias a serem seguidas. Segundo Maffesoli (2005, p. 134) “é o horizonte da comunicação que serve de pano de fundo à exacerbação da aparência”. E isso mostra que a imagem não representaria o que representa hoje se não fosse abordada publicamente como é no mundo atual. Villaça e Góes (1998, p. 47) destacam que o “universo neoliberal fomenta a produção da identidade de cada um, via mercantilização do corpo”.

Segundo Betti e Pires (2005, p. 282) a mídia se refere aos meios de comunicação de massa “em que um número relativamente pequeno de pessoas emite suas mensagens para um número relativamente grande de pessoas”. Daí a certeza que valores sociais distintos podem ser e são manipulados por uma minoria, influenciando toda a sociedade. Fala-se em uma “cultura das mídias” como Betti e Pires (2005, p. 283) discorrem sobre Santaella (1996) que “os processos comunicativos das mídias geram códigos específicos e signos de estatutos semióticos peculiares”.

Para Betti e Pires (2005, p. 283) a mídia é também uma indústria midiática, pois produz e veicula “símbolos e significados socialmente compartilhados na cultura contemporânea”. Os autores destacam ainda que “faz sentido que os bens culturais simbólicos disponham de um canal privilegiado para serem disponibilizados e consumidos” devido ao processo de banalização da cultura e sua conseqüente transformação em mercadoria que ocorre com a Indústria Cultural <sup>2</sup>. Percebemos com isso que a mídia acaba sendo apenas um meio pelo qual se transmite os diversos símbolos e significados construídos e eleitos socialmente para guiarem a atuação das pessoas.

Betti e Pires (2005, p. 283) colocam de acordo com Rüdigger (2002) que: “orientada em mecanismos psíquicos de reconhecimento e identidade, a mídia vende sobretudo a (pseudo) satisfação de desejos e vontades subjetivas que são também frutos da ação da Indústria Cultural associada ao capital”.

Trata-se de uma incessante busca por um corpo que é mostrado através de imagens e que a mídia coloca como alcançável por todos, só dependendo da força de vontade de cada um. Dessa forma, a

---

<sup>2</sup> Conceito abordado por Adorno e Horkheimer (1985).

responsabilidade sobre a aparência do corpo passa a ser única e exclusivamente do indivíduo. Como se ter um corpo fora dos padrões fosse culpa e preguiça da pessoa em questão.

Villaça e Góes (1998, p. 13) destacam de acordo com Moacyr Scliar que existe um slogan esquizofrênico “seja diferente: seja igual” por trás das mensagens publicitárias com ênfase na criatividade. E que esse autor chama isso de totalitarismo democrático e se “dá por meio do consumo, que homogeneiza padrões estéticos de comportamento e de gosto, paralelamente aos esquemas de aprisionamento, de tortura, censura e extermínio de ditaduras”. Esse ser diferente evocado pela mídia no sentido de levar o indivíduo a “construir” um corpo diferente e ideal acaba revelando a busca por um corpo igual, um único padrão de corpo que é valorizado e que faz com que as pessoas pensem que ele pode ser atingido por todos, como se todos fossem iguais.

A cultura do corpo, então tem hoje uma abrangência muito ampla e várias são as suas manifestações. Uma delas é o body-building<sup>3</sup> que nos anos 80 teve uma crescente “implementação” nos Estados Unidos. E de acordo com Courtine (1995, p. 84) essa manifestação é sustentada “por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa”. Segundo o autor, houve todo um desenvolvimento deste mercado e do consumo de bens e serviços para a manutenção do corpo como a produção de aparelhos de musculação e de suplementos nutricionais, e a publicação de “revistas especializadas sobre a boa forma, a saúde, os regimes alimentares e o desenvolvimento corporal”. E cada indivíduo torna-se gestor de seu próprio corpo (COURTINE, 1995). Courtine (1995, p. 86) coloca que “nas sociedades ocidentais, a cultura contemporânea do corpo é inteiramente dominada pelo ciclo da absorção e da eliminação, tanto orgânico, quanto econômico”, o que indica como os valores corporais estão pautados nos valores econômicos, e que comprar um produto no supermercado pode ser comparado ao gasto compulsivo de energia e de bens.

---

<sup>3</sup> Essa expressão está relacionada à “construção hipertrofiada do próprio corpo, uma forma de esculpir os músculos para serem vistos” (FRAGA, 2001).

As diferentes práticas como exercícios físicos, regimes e as cirurgias plásticas de acordo com Courtine (1995):

são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima (p.86).

A mídia impressa tem exercido uma influência mais visível sobre os corpos e o público feminino é o que mais sofre com essas imposições veiculadas por revistas voltadas para ele. Andrade (2003, p. 110) destaca que a partir da noção de espaços pedagógicos como “lugares onde o poder é organizado e difundido” pode-se “pensar as revistas voltadas para o público feminino, tanto infantil quanto adulto, como um artefato pedagógico que exerce poder sobre as mulheres e meninas, ensinando técnicas de como lidar com o corpo”. E ainda de acordo com a autora os discursos dessas revistas são equivalentes, pois repetem “receitas e dicas para atingirem aquele corpo que é representado na mídia como ideal”. A partir disso, muitos são as tentativas que mulheres e adolescentes ousam para conquistar o corpo desejado o que revela uma crescente “obsessão pelo corpo belo, malhado, magro, saudável” (ANDRADE, 2003, p. 113).

O grande problema dos discursos da mídia é que revelam uma ideologia, que é quando “as idéias da classe dominante tornam-se as idéias dominantes da sociedade” (GALLO, 1999, p. 37). E essa última incorpora as idéias difundidas pela mídia de maneira inconsciente, sem refletir sobre a realidade. Pode parecer que as imagens e os discursos são reais e que a mídia é um simples reflexo da cultura, e não deixa de ser, mas se os corpos são tão diversos e se a mídia representasse realmente a realidade, deveria apresentar os diferentes corpos. De acordo com Gallo (1999, p. 38) “o discurso ideológico é aquele que consegue tocar nas vontades e ambições mais íntimas de cada indivíduo, dando-lhe a ilusão de sua realização”. Com isso as pessoas acabam incorporando valores e ações tidas como pessoais atuando em seus corpos a partir de suas atitudes, mas que na verdade são imperativos que foram impostos pela mídia e não existe muitas vezes nem consciência dos

reais significados atribuídos a eles, e quando há, não se faz uma crítica sobre os mesmos.

Gonçalves (1994) destaca que:

A valorização excessiva do corpo, que caracteriza muitos desses movimentos, ao mesmo tempo que oculta em seu cerne uma exigência vital do homem contemporâneo, revela uma intenção manipulativa, reduzindo o corpo a uma materialidade desvinculada da subjetividade que o anima (p. 32).

Segundo Sant'anna (2002, p. 31), o problema maior nos dias de hoje não é liberar o corpo e embelezá-lo, é fazer isso com dignidade e ética, “escapando da tendência generalizada de transformar qualquer valor físico num valor de mercado”. A questão não é criticar a imagem, pois ela faz parte da rede simbólica da cultura e da comunicação do ser humano, e sim criticar a monocultura de uma única imagem corporal: a magreza e a musculatura definida como um corpo ideal e fácil de ser alcançado. Também não há como negar a importância da mídia em nossas vidas e apenas apontar os aspectos negativos, mas é necessário problematizar e não simplesmente aceitar os padrões estéticos impostos.

#### **4.1- Locais pedagógicos**

As questões corporais em torno da mídia perpassam a área da Educação Física e são bastante complexas por envolverem aprendizados que não se constroem apenas na escola, mas como destacam Silva e Soares (2003, p. 90) em outros locais “pedagógicos” presentes na vida cotidiana dos alunos. De acordo com Steiberg (1997) a educação ocorre em diversos locais sociais além da escola. “Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita, tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc...” (STEIBERG, 1997, p. 102).

Para Andrade (2003, p. 109) “há pedagogia em qualquer espaço em se efetua educação, em que se ensina aos indivíduos modos de proceder, de

viver, de fazer, de comprar, de comer, de vestir, de falar”. Dessa forma, a mídia é apreendida como um local pedagógico, uma vez que ensina muitos modos de ser não só às crianças e aos adolescentes, como também aos adultos.

A revista *Capricho*, por exemplo, como instância pedagógica “produz conhecimentos e saberes sobre o corpo” dando dicas que apontam caminhos a serem seguidos, “depoimentos de personalidades consideradas exemplos, anúncios que vendem distintos produtos específicos” ensinando às adolescentes maneiras de ser: bonita, atraente e moderna (FIGUEIRA, 2003, p. 127). As revistas e os diversos meios de comunicação de um modo geral influenciam profundamente as pessoas na forma como constroem seus corpos, impondo produtos, dietas, e práticas. Mas, existe sim algumas reportagens e mensagens que são veiculadas também pela mídia que criticam os padrões de beleza e as práticas que são feitas sem nenhum cuidado e sem uma preservação da identidade de cada um. Betti (2003, p. 37) discorrendo sobre a relação entre televisão e educação destaca que a primeira também pode propiciar a ampliação do mundo para o espectador de forma ativa, e que o “problema não está no meio em si, mas na estrutura industrial que o rege”.

Em uma reportagem da revista *Veja* (2002), intitulada “Corpos à venda”, há toda uma crítica sobre a banalização das cirurgias plásticas que revela a necessidade do consumo de bens e serviços para se chegar a um corpo perfeito. Buchalla e Pastore (2002, p. 84) destacam os riscos que as pessoas correm ao realizar uma cirurgia com qualquer cirurgião e que “boa parte dos médicos que se intitulam plásticos não tem formação para praticar a especialidade”. A reportagem ainda conta com a presença de estudos psiquiátricos que falam ainda sobre distorções de imagem dos corpos. Segundo Buchalla e Pastore (2002, p. 86) nos anúncios sobre cirurgias plásticas “vende-se a idéia de que as operações não oferecem riscos e de que é fácil chegar à perfeição corporal”. O que não é verdade, pois a perfeição completa provavelmente nunca será alcançada porque à medida que o indivíduo adquire uma nova conquista corporal novos desejos são formados e passa-se a buscar novas modificações no corpo. As autoras ainda destacam que o Brasil é o campeão mundial da categoria, o que nos faz pensar em uma orientação melhor aos sujeitos por parte de diversas entidades a começar pela

escola, e porque não nas aulas de Educação Física, no sentido de entender as causas para essa busca e de problematizar a questão.

Em uma outra reportagem veiculada pelo Yahoo! Brasil (Seg, 05 Out, 2009) com o título “Revistas apelam a gordinhas em busca da beleza ‘real’” traz a informação de que revistas americana e alemã anunciaram que suas modelos estão mais próximas do real, com peso acima da média “exigida” pelos padrões de magreza atuais. Isso retrata um importante acontecimento que inverte completamente o padrão estético atual, mesmo sendo um fato isolado e que não apresenta tanta repercussão no mundo ocidental.

## 5- A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA ESCOLAR

A Educação Física como prática escolar (não ainda com esse termo) surge em Minas Gerais com a reforma do ensino promovida pelo Estado em 1906, em que foi organizada a primeira cultura escolar na Capital que se formara e no Estado, constituindo os Grupos Escolares. De acordo com Vago (1999, p. 31), intelectuais e políticos republicanos envolvidos nesse processo acreditavam que “a construção de uma nação dependia, em grande parte, da tríade “educação intelectual, moral e physica” do povo”. A finalidade maior dessa cultura escolar era racionalizar o conjunto do social, formando cidadãos civilizados, disciplinados, sadios e trabalhadores, necessários para que o progresso social ocorresse (VAGO, 1999, p. 32).

Todo esse processo acontece no contexto capitalista de produção da época e a educação estava voltada para o aprimoramento do trabalho, para formar mão de obra mais “qualificada”. Isso porque naquela época o corpo das pessoas na recente capital eram apreendidos como “doentio, magros, amarelos, pouco desempenados na maioria, havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos”, o que expressava um povo “tosco, esgrouvirado das costas, amarelo, indolente, provinciano, ignorante, vadio, de reputação duvidosa, turbulento, pernicioso, de hábitos suspeitos, e baderneiros” (VAGO, 2000, p. 123). Dessa forma, é importante perceber que a constituição da escola em Belo Horizonte e em Minas Gerais se dá a partir de vários aspectos sociais, políticos e econômicos, estando a Educação Física incorporada nesse viés e contribuindo para a formação dos corpos “civilizados”.

No centro dessa nova cultura escolar estava o corpo das crianças e sua organização tinha o intuito de cultivar um “corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso” (VAGO, 1999, p. 32). A partir disso, a Cadeira “Exercícios Physicos” é inserida pela primeira vez nos programas do ensino primário em Minas Gerais, o que inicia assim o processo de enraizamento escolar da educação física, (VAGO, 1999). Os exercícios físicos eram

necessários porque deles dependia “o desenvolvimento físico dos futuros cidadãos” e implicava ainda a formação racial brasileira (VAGO, 1999, p. 34). Segundo o autor a “escolarização dos “Exercícios Físicos”, em Minas Gerais, naquele momento deu-se em grande medida sob o primado da regeneração da raça, que circulava no país”.

As práticas corporais eram diferenciadas para meninas e meninos. As meninas deveriam ficar à sombra realizando brincadeiras livres e exercícios de extensão e flexão de músculos, enquanto os meninos executavam exercícios viris e marchas militares. Com isso tem-se a construção de representações de corpos femininos e masculinos, “para ambos, uma educação racional de seus corpos, mas que deveria respeitar as diferenças entre eles” (VAGO, 1999, p. 35).

A partir disso, as práticas corporais na escola com influências militares, da “gymnastica”, médica e higienista buscaram corrigir os corpos das crianças no sentido de torná-los saudáveis e fortes. Muitas representações sobre a Educação Física surgiram ao longo do século XX, e se constituíram de acordo com os valores sociais, políticos e econômicos da época em questão <sup>4</sup>. O que é importante avaliar são as mudanças diversas que um valor social pode ter ao longo do tempo, como as práticas sobre o corpo modificaram e continuam modificando e são pautadas em interesses distintos, envolvendo aí

---

<sup>4</sup> Vago (1999) aponta algumas representações a respeito da educação física escolar desde o final do século XIX: a Educação Física como domadora de corpos humanos (o que configurou uma tentativa de higienização e disciplinarização dos corpos); a Educação Física como produtora de uma raça forte e enérgica (adotando a imigração de estrangeiros e desenvolvendo a gymnastica para “qualificar os corpos”); a Educação Física como celeiro de atletas (o que busca uma seleção e apreende o esporte de rendimento como única possibilidade de se trabalhar esse conteúdo); a Educação Física como terapia psicomotora (que confere uma articulação e submissão à psicomotricidade); a Educação Física como aprendizagem motora (buscando proporcionar aos alunos uma base motora – habilidades motoras básicas, destacando a aprendizagem, o desenvolvimento e o controle motor como meios de se tratar a EF na escola); a Educação Física como promotora da saúde (apreendendo a dimensão biológica e a melhoria da aptidão física dos alunos); e a Educação Física como apropriação da cultura corporal (que busca investigar, problematizar e ensinar as práticas dos temas da Cultura Corporal de Movimento).

relações de poder. Se no início dos grupos escolares o corpo era lugar de intervenção do Estado para torná-lo saudável e forte, agora essa intervenção passa a ser mais pessoal, embora existam outros valores e interesses sobre a manipulação do mesmo.

Hoje encontramos muitos resquícios do passado, e a educação ainda pode ser pensada de acordo com a ordem capitalista, e preparação para o futuro, mas também como lugar “de transmissão e produção de cultura” que é uma abordagem mais coerente com o ideal de educação para a emancipação humana (Vago, 1999, p. 38). Segundo Vago (1999, p. 38) há “entre as práticas escolares e as demais práticas sociais uma relação de tensão permanente”, o que configura um dinamismo e uma complexidade grande entre essas práticas.

A Educação Física torna-se disciplina curricular obrigatória na educação básica a partir da LDB de 1996 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais em 1998 esse campo disciplinar ganha uma organização até então inexistente. Podemos enumerar muitos avanços na área, mas ainda sim há professores que reproduzem práticas pautadas em monoculturas de conteúdos ou simplesmente “rolam bola”. Pensar a prática pedagógica tem sido uma questão chave em nossa área e isso deve iniciar nos cursos de formação, pois como querer que professores e professoras estejam comprometidos a produzir uma prática ampliada que envolva os alunos para que construam uma consciência crítica a respeito de um tema (como o do corpo) se nem os professores conseguem se posicionar ou pelo menos pensar sobre o mesmo.

Em vários momentos na história, e também na história da Educação Física, os usos do corpo sofreram dissimulações, como coloca Werneck (1997, p. 305) que na atualidade os interesses dominantes buscam conduzir os sentidos de corpo, apreendendo o corpo como dócil, forte e bonito. Dócil, no sentido da necessidade de ser controlado; forte, reforçando a masculinidade e a preparação para o trabalho; e bonito, referindo à constituição física e “ao uso de produtos destinados ao consumo” (WERNECK, 1997, p. 310).

As práticas da Educação Física foram construídas de certa forma pautadas na busca de tornar o corpo saudável, habilidoso e até mesmo bonito. Hoje ainda carregam aspectos como esses e não há como querer negar isso,

uma vez que, a atividade física pode sim melhorar a saúde das pessoas, que determinadas práticas físicas podem tornar o corpo mais habilidoso, e que praticando exercícios o indivíduo pode sim se sentir bonito, o que não é nenhum crime. O que não dá é para generalizar e pensar: que só através de determinadas práticas que o ser humano consegue benefícios; que todos conseguem igualmente; que os significados dessas práticas na vida de todos serão os mesmos; que quem não segue essa tendência está atrasado; que os resultados vão ser os mesmos para todos; ou eleger uma monocultura e um padrão que está na moda, posto na mídia.

A Educação Física Escolar tem um papel importante na construção dos corpos dos alunos. No que deveria ser um momento de aprendizado através de vivências dos diversos conteúdos legitimados na Educação Física, e também aprendizado de valores sociais, pode por vezes ser um período em que a habilidade ganha um valor maior, e muitos são reprimidos por não conseguirem realizar certos movimentos e discriminados pelos colegas por seus corpos descoordenados, e até mesmo disformes. Fontana (2001) relata que a partir das aulas de educação física em que sofria com as imposições de sua professora tomou consciência de que “tinha um corpo atrofiado, desatento, inadequado, sem tônus, sem força, sem resistência, sem conserto...”. Isso na década de 60, mas ainda hoje, sentimentos como esses podem acontecer com sujeitos sociais diversos.

### **5.1- O corpo como conteúdo da Educação Física**

O objeto primeiro que a Educação Física trata é o movimento corporal, o que faz dela uma prática pedagógica diferenciada no corpo disciplinar escolar. E é importante reconhecer que essa prática envolve além de um “saber fazer” um “saber sobre o saber fazer”, o que revela um conhecimento mais aprofundado dos conteúdos abordados pela disciplina. Dessa forma, os conteúdos e princípios escolares da Educação Física ultrapassam o movimentar-se, pois muitos são os valores e ensinamentos

necessários à formação emancipada de alunos e alunas que envolvem ou não os diferentes gestos possíveis.

Betti (2005) define a Educação Física Escolar como:

disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas, e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas / expressivas, lutas / artes marciais e práticas corporais alternativas (p. 148).

Para além disso, a Educação Física possui a sua especificidade que acaba não sendo cumprida de maneira uniforme nas escolas, e muitos alunos passam pela disciplina ao longo de sua vida escolar sem ter acesso a essa riqueza e variedade de conteúdos porque apenas umas e outras práticas são proporcionadas. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) servem como uma orientação ao ensino da Educação Física na escola. Neles estão contidos formas de se trabalhar os conteúdos. Nos PCNs (1997, p. 46) para o ensino fundamental são destacados três blocos de conteúdos: conhecimentos sobre o corpo; esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas.

No bloco “Conhecimentos sobre o corpo” é tratado apenas a dimensão biológica, trazendo indicativos sobre anatomia, fisiologia, bioquímica, biomecânica, e abordando também as emoções somente no sentido da percepção do corpo ao se movimentar.

Em outra parte do documento é apresentada a “Caracterização da área” na qual a mídia é tratada apenas enfatizando sua relação com a cultura corporal de movimento (esporte, as ginásticas, as danças e as lutas...) no item “Mídia e cultura corporal de movimento”. Há uma problematização da mídia que é considerável, mas só com relação aos temas da Cultura Corporal de Movimento.

A única referência que se faz nos PCNs (1998) à questão sobre corpo e mídia foi no trecho:

Mas também há aulas de ginástica aeróbica pela televisão, médicos dão entrevistas falando dos benefícios e riscos da atividade física, comentaristas informam sobre táticas e regras nas partidas de futebol, vôlei ou basquete, e revistas femininas e para adolescentes sugerem exercícios e equipamentos para deixar o corpo em forma.

Informações nem sempre corretas, nem sempre confiáveis, mas que se sobrepõem pela baixa capacidade crítica da maioria dos telespectadores e leitores (p. 32).

A partir disso, percebe-se o quanto a crítica à questão corpo e mídia ainda é pouco relacionada em um parâmetro que serve de orientação à educação básica no Brasil. O corpo é tratado como conteúdo, mas reduzindo-se apenas a sua visão biologicista. Proponho o corpo como conteúdo da Educação Física em sua totalidade, que leve em conta também conhecimentos históricos e culturais sobre o mesmo, e propicie uma apropriação por parte de alunos e alunas dos múltiplos significados que os corpos podem adquirir no sentido de pelo menos ter consciência da realidade, e de problematizar os padrões estéticos presentes em nosso cotidiano.

Ao discorrer sobre a consciência corporal, Melo (2005) destaca que:

Uma verdadeira consciência corporal deve refletir, em primeira instância, a aceitação e consolidação do corpo que somos. Isso nas aulas de Educação Física nas escolas poderiam instigar, construindo uma consciência corporal calcada, também, na reflexão crítica das imagens que a sociedade tatua no nosso corpo. Essa é uma tentativa para que os sujeitos passem a analisar de forma crítica as conseqüências do poder que se exerce sobre seu corpo e tomem posse das suas ações para desmistificar as ideologias que nele se impregnam (p. 176).

Desse modo, essa problematização sobre essa temática permitiria que os sujeitos envolvidos nesse processo pudessem pensar sobre seus corpos e proporcionaria o respeito entre os diferentes corpos, possibilitando a valorização de todos.

Esse movimento na escola e principalmente nas aulas de Educação Física deve partir de professores e professoras, pois talvez esse seja o único espaço e tempo que os alunos terão em suas vidas para serem sensibilizados a questionar tais valores. Mas, para que os professores tenham essa pretensão é preciso que eles também tenham passado por um momento crítico sobre essa questão. Daólio (2007, p. 49) destaca que é importante saber quais concepções de corpo que os profissionais da área possuem e “qual é a apropriação de corpo que a Educação Física escolar realiza”, pois é necessário pensar e debater essas idéias para qualificar o trabalho dos docentes e a partir disso fazer problematizações sobre esse conteúdo.

Sobre a relação entre mídia e Educação Física, Betti e Pires (2005) apontam que:

à medida que os trabalhos de abordagem teórica crítico-reflexiva sobre as relações entre mídia e as diferentes manifestações da Educação Física vão se ampliando, diversificando e aprofundando, mais visível se torna a ausência e ainda mais necessária se faz a produção de estudos que formulem e experimentem propostas metodológicas de trato pedagógico sobre o tema destas relações no âmbito do sistema educacional, nas aulas de Educação Física escolar (p. 287).

A partir disso, podemos perceber o quanto é importante que os estudos em torno desse campo se aprofunde mais, no sentido de também gerar propostas de como tratar esse tema nas aulas de Educação Física. Penso que o movimento que se deve fazer não poderia ser apenas de cima para baixo, da “teoria” para a “prática” (apesar disso ser importante), mas também de baixo para cima, partindo das aulas de Educação Física, pois através de pequenas mudanças vamos conseguindo provocar grandes mudanças. O que não quer dizer que a busca por conhecer e questionar sobre esse tema não seja necessário.

## 6- A ADOLESCÊNCIA COMO FOCO DE ESTUDO

A adolescência é um momento da vida imprescindível em que questões sobre o corpo e sua identidade vão surgir quase que naturalmente. Esse período é complexo e turbulento, no qual o indivíduo passa por transformações (e rupturas) que envolvem fatores biológicos e culturais (CARVALHO; PINTO, 2003). São principalmente os corpos dos adolescentes é que sofrem com a influência da mídia. Por ser um momento em que os adolescentes descobrem seus corpos e passam por transformações corporais e ao mesmo tempo psicológicas, culturais e sociais é que ficam expostos a tudo isso. Segundo Carvalho e Pinto (2003, p. 12) essas transformações “impactam sua imagem corporal, ou seja, a percepção que um adolescente tem de seu eu físico (sua imagem corporal)”. E que isso depende das experiências anteriores que ele teve que o fez se ver dessa forma.

De acordo com Debortoli (2003) muito depende:

das interações, da forma com que cada um vai aprendendo a se expressar, das construções particulares, das estratégias e resistências, da construção progressiva da identidade individual e do grupo ao qual pertence, da forma que cada um encontra para se esconder, agredir, transgredir, do grupo de amigos, do diálogo com a família, das experiências escolares e culturais, melhor dizendo, da história de cada um (p. 36).

Daí então, pode-se apontar que se cada adolescente se forma diferentemente e sob diversas influências há que se ressaltar que os corpos serão diferentes. E por isso não deveria haver discriminações quanto aos corpos dos colegas. Porém, o que ocorre é que os padrões corporais já estão tão impregnados no senso comum, em grande parte pelo esforço da mídia, que os (as) adolescentes não conseguem ter uma crítica sobre a realidade.

A partir disso, percebe-se o quanto é complexo compreender esse período da vida. E a “construção da identidade dos adolescentes é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva”. Ao mesmo tempo em que precisam do grupo em que fazem parte, do adulto e de referências, eles precisam “diferenciar-se, construir sua própria identidade” (DEBORTOLI, 2003, p. 37). O conflito torna-se maior porque se já é difícil

entender a diversidade de corpos que existem, lidar com essa diferença e se diferenciar, tudo fica mais complexo com a imposição colocada pela mídia de buscar um corpo igual ao de tal pessoa.

As adolescentes sofrem mais o impacto da mídia sobre seus corpos que os garotos. Figueira (2003, p. 128) ao apontar que a revista *Capricho* é “uma instância a constituir identidades adolescentes” destaca que não existe uma identidade adolescente feminina fixa e que ela “é criada e representada de diferentes formas, em diferentes grupos sociais, religiões, etnias, etc”. Desse modo, é a partir do contato da adolescente com outros sujeitos sociais, grupos e meios, que ela irá construir sua identidade corporal, tendo a mídia grande participação nessa construção explícita ou implicitamente. A revista *Capricho* faz referência “aos cuidados necessários para fazer do corpo adolescente feminino contemporâneo um corpo belo, atraente, saudável, atual” (FIGUEIRA, 2003, p. 129). Os adolescentes também sofrem influências da mídia, mas de uma forma menos profunda. O que percebo é que eles são incentivados mais no sentido de possuírem um corpo malhado e forte.

Podemos avaliar que a mídia aproveita desse período contraditório da vida em que os adolescentes estão em busca de si mesmos para impor valores e padrões de corpo se valendo de uma linguagem bem característica da adolescência. Tudo isso tem levado os (as) adolescentes a adotar o culto ao corpo e a desprezar os corpos que estão fora dos padrões estipulados. Os corpos gordos, feios, descoordenados e flácidos (de acordo com o julgamento de cada um e da sociedade como um todo) não têm sido tolerados. Muitos são os “modelos de subjetividade” destacados por Fontana (2001) que inscrevem signos nos corpos, modelando habilidades, comportamentos e imagens de modo consciente e inconsciente, e que são “praticados cotidianamente sob vigilância da escola, na família e em outras instituições”, e aqui ressalto a mídia.

## 7- VISÕES DOS ALUNOS: O INÍCIO DE TUDO

Como proposta para se questionar os padrões estéticos corporais a partir das aulas de Educação Física na escola considero que buscar a visão que os adolescentes têm de seus corpos é um meio revelador para verificar a influência da mídia e para compreender o que pensam sobre os mesmos, e se possuem alguma crítica sobre os modelos impostos na atualidade. Aprender como esses sujeitos sociais conceituam seus corpos e o dos outros, e se eles compartilham ou não dos discursos promovidos pela mídia a respeito dos padrões de corpo a meu ver pode ser o início do questionamento. O começo da procura da realidade e da valorização de todos os corpos.

É nítido que questões relativas ao corpo se aforem nas aulas de Educação Física (nelas os alunos se interagem com maior intensidade, onde vão aflorar possibilidades, dúvidas...), pois o corpo é muito controlado em outros momentos e espaços da escola. Por isso a responsabilidade do professor dessa disciplina de problematizar com os alunos quando essas questões aparecerem e também propor a temática do corpo como conteúdo. É importante que os alunos não apenas façam parte do processo de aprendizagem, mas sejam atores desse processo, pois não adianta simplesmente questionar os valores corporais tratados na mídia sem que isso tenha um significado para eles, sem tocar no íntimo, necessidades, desejos e características de cada um.

As visões dos alunos (das alunas) como é de se esperar na maioria das vezes podem comprovar a forte influência que a mídia exerce sobre o modo dos adolescentes atuarem em seus corpos. Os estudos de Souza (2003) e Queiroz (2004) tratam da questão do corpo, revelando o entendimento que os jovens e adolescentes têm de seus corpos (de suas imagens corporais) e trazendo ainda relações entre corpo e mídia. Embora esses estudos retratem uma realidade que é possível para a maioria dos adolescentes e jovens no Brasil, eles não foram feitos a partir das aulas de Educação Física e não podemos transpor tudo de um estudo para todos os sujeitos, porque esses são singulares, e os contextos sociais em que estão inseridos são diversos.

Souza (2003) traz através dos referenciais teóricos do imaginário social e do corpo contribuições importantes para se compreender a visão que os jovens tem de seus corpos. A autora busca então, quais sentidos de corpo os jovens de sua pesquisa teriam, e sua suposição de que eles apreenderiam o corpo sob a ótica do saudável e bonito, da força e beleza acaba se confirmando após a pesquisa. Questões como o “desejo pelo corpo sarado e aversão à gordura corporal; hierarquização do rosto e da mente, em relação ao corpo; e o desejo de se livrarem da ditadura do corpo em voga” também surgiram na pesquisa (SOUZA, 2003). No caso dos jovens dessa pesquisa apesar das influências da mídia serem constatadas, eles tinham noção de que eram manipulados por esse mecanismo, o que já é um começo. Muitas foram as falas que chamaram a atenção.

Destaco o fato de que a maioria dos jovens ao fazer associações entre corpo bonito e feio dizia que bonito “pode ser conquistado” enquanto que o feio “é por falta de interesse ou relaxamento”. Ou seja, ter um corpo bonito só dependeria do esforço individual de cada um e todos poderiam alcançá-lo. Em uma fala de um dos jovens sobre o corpo feio pode-se perceber essa tendência: “O corpo feio é uma pessoa descuidada, gorda, e que mais? Uma pessoa sem estilo... é aquele descuidado, gordo...” (SOUZA, 2003, p. 77).

A valorização do músculo também aparece nos discursos dos jovens como nas falas: “Um corpo bonito é um corpo sadio... com músculos, todo definido”; e “O que eu gostaria de mudar no meu corpo era ter mais massa... porque eu sou muito magro”. (SOUZA, 2003, p. 65). Sobre isso autora coloca que a “presença do músculo classifica a beleza, e a sua ausência qualifica o feio” (p. 66). Podemos perceber o quanto os imperativos sobre padrões de corpo colocados na sociedade e pela mídia estão presentes nas falas desses jovens, o que acabam direcionando suas ações para possíveis modificações em seus corpos e sobre os significados que eles dão aos demais.

O estudo de Queiroz (2004) trata também das visões que as adolescentes têm de seus corpos relacionadas aos valores corporais estéticos. A autora busca compreender como se constroem esses valores através (das artes plásticas) de desenhos feitos por adolescentes do sexo feminino.

Queiroz (2004, p. 144) coloca que as adolescentes da pesquisa apontaram como “mediadores sociais mais significativos na formação dos valores estéticos corporais femininos” a família, os (as) amigos (as) e a mídia.

Ao discorrer sobre as mediações sociais formadoras dos valores estéticos a autora destaca que:

A linguagem imagética e discursiva da mídia desenha e esculpe no imaginário feminino estereótipos da imagem do que é ter um corpo nos padrões ideais de beleza, difundida de forma hegemônica nos meios de comunicação de massa e, muitas vezes, reverberadas em nossas interações interpessoais cotidianas (p. 16).

Dessa forma, através de questionários e de desenhos da auto-imagem e da imagem de beleza ideal com textos explicativos as adolescentes deram pistas sobre a insatisfação com seus corpos ou busca por um padrão. Uma delas fez os dois desenhos propostos e colocou o comentário: “Eu me considero com um corpo normal, porém com a mudança de alguns detalhes acho que o meu corpo ficaria melhor, exemplo: aumento de seios, diminuição de nariz e abdômem” (QUEIROZ, 2004, p. 105). Essa insatisfação com o corpo é recorrente em nossa sociedade, mesmo quando o corpo em questão já está dentro do padrão estabelecido. Isso porque os padrões se modificam rapidamente e a insatisfação pessoal passa a configurar um problema de ordem psicológica.

A mídia é indicada pelas adolescentes desse estudo como a principal mediadora dos valores estéticos corporais. Como assinala Queiroz (2004, p. 146) as “adolescentes fazem menções a algumas mulheres da mídia com uma certa familiaridade, como se as personagens presentes na comunicação de massa fizessem parte do seu cotidiano”. A partir disso, essas mulheres são consideradas como modelos a serem seguidos, e suas ações e corpos são naturalizados, como se tudo que está colocado na televisão e revistas (entre outros meios) fosse verdade e possível de ser atingido.

A prevalência da magreza também aparece nas falas das adolescentes como no discurso de uma delas: “Tenho um corpo normal, de acordo com o meu peso, mas gostaria de ser mais magra” (QUEIROZ, 2004, p. 99). Sobre isso a autora comenta que essa necessidade de emagrecer da

adolescente pode ser traduzida como: “quanto mais magra mais valorizada e mais bonita” (QUEIROZ, 2004, p. 100).

Portanto, ao buscar as visões que os adolescentes possuem sobre seus corpos e proporcionando uma problematização sobre elas e sobre os padrões de beleza estaremos instigando eles a pelo menos pensarem sobre a questão. Queiroz (2004, p. 173) destaca discursos feitos por algumas adolescentes do estudo que criticam “a soberania da valorização do estético sobre o bem estar psíquico, e sobrepõem construtivamente o pensamento autônomo ao heterônimo” com relação à formação dos valores estéticos.

Um desses discursos apontados por Queiroz (2004) traz à tona essa questão:

Gostaria de ser eu mesma como estou agora, pois, estou muito bem, mas não é tudo estar de bem consigo mesma. Acho que não há necessidade de querer moldar-me como a rainha da beleza, sabendo que não é tudo na vida. Eu nem sempre estive satisfeita como meu corpo, mas eu hoje em dia estou muito satisfeita comigo mesma, pois, meu corpo é matéria e a matéria não é a mais importante. Se amar é a chave do negócio e eu me amo como eu sou com ou sem gorduras (p. 173).

Fomentar a procura por um pensamento crítico como o dessa adolescente é o que eu gostaria que acontecesse nas aulas de Educação Física, no sentido de possibilitar não a simples negação dos padrões estéticos, mas buscar os verdadeiros significados deles e propiciar a valorização dos diferentes corpos.

## **8- REFLEXÕES CONCLUSIVAS: EMBELEZAR O CORPO COM DIGNIDADE E ÉTICA, O DESAFIO DE TODOS**

Compreender o corpo em sua amplitude e complexidade exige sim um estudo aprofundado sobre o mesmo. Tantos são os significados que os corpos podem adquirir que acabam guiando os modos de ser e de agir das pessoas. Não há como separar o corpo do meio ao qual ele pertence, pois a cultura está a todo o momento influenciando os corpos, da mesma maneira que esses a influenciam.

Em um momento em que o culto ao corpo está em evidência, a mídia como integrante da cultura é um meio que transmite valores e idéias de como “viver”, valorizando determinados padrões estéticos em detrimento de outros. Esses últimos nem seriam considerados padrões porque na visão imposta pela mídia eles estariam fora da normalidade, o que não é verdade, pois a normalidade é exatamente a existência de diferentes corpos.

A questão colocada aqui não é criticar a mídia e a estética simplesmente, e sim problematizar o porquê da prevalência de apenas um padrão de beleza e a ideologia de que todos são capazes de alcançar esse único padrão. Como se não bastasse a busca incessante das pessoas por esse corpo ideal, o que as frustra a cada dia, ainda há a discriminação e o desprezo por corpos que não se enquadram no padrão.

Como início de uma problematização sobre esse tema vejo na visão que alunos e alunas possuem uma forma de trazer à tona seus conceitos de corpo e seus desejos, a fim de que a partir disso haja um questionamento sobre a predominância de padrões estéticos. Para que isso fosse proposto nas aulas de Educação Física seria necessário que o professor (a professora) tivesse primeiro essa visão crítica, ter conhecimentos sobre essa questão, o que deveria estar presente nos cursos de formação acadêmica. O professor ao buscar as visões dos alunos sobre o corpo e proporcionar conhecimentos históricos e culturais sobre a temática estará contribuindo talvez não para uma mudança radical, mas para um pensar sobre o corpo e uma ruptura com uma possível alienação.

Como destaca Daólio (2007, p. 45) “não existe corpo melhor ou pior; existem corpos que se expressam diferentemente, de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo dos seus corpos”.

A Educação Física na escola deve levar em conta os valores éticos na construção do aprendizado de seus alunos. E questionar sobre o corpo é uma forma de cumprir com esses valores que devem fazer parte da prática pedagógica e da formação dos alunos. Por isso é importante que essas questões perpassarem as aulas de Educação Física, pois como querer que os adultos tenham uma visão não alienada sobre o uso do corpo como ocorre atualmente, se os alunos passarem por essa disciplina sem refletirem sobre essas questões? E o que acontece é que os adolescentes acabam ficando abitolados às visões veiculadas pela mídia e pela sociedade porque é difícil encontrar outro espaço para questionar o corpo.

Seguir padrões impostos revela uma falsa autonomia estimulada pela mídia nos dizeres do senso comum “cuide de seu corpo” e “fique bem com o seu corpo”. O indivíduo age sobre o seu corpo conscientemente, mas não percebe que o que levou ele a tomar determinada decisão foi um imperativo inconsciente, uma imposição do mercado.

Sublinho o que foi destacado por Sant’anna (2002, p. 31) de “no lugar do culto ao corpo, uma cultura corporal e espiritual que seja ao mesmo tempo pessoal e coletiva”. A partir disso, essa idéia deveria ser abordada na Educação Física, incluindo todos os corpos nas práticas e na vida social, ensinando aos alunos a cuidar de seus corpos e dos corpos dos colegas também. E um papel importante da Educação Física é o de fazer com que o indivíduo faça suas escolhas de maneira crítica e emancipada, que crie uma consciência crítica para que possa escolher quais intervenções fazer ou não em seus corpos.

E por que não embelezar? Não há como negar a vaidade e a necessidade de estar bem consigo mesmo, pois isso faz parte de nossa condição cultural humana. O que está posto aqui não é o deixar de cuidar do corpo, e sim o de não adotar um padrão como único e o mais valorizado. Sant’anna (2002, p. 31) propõe a “beleza da dignidade” como uma luta

cotidiana, “inesgotável e sutil, possui essa capacidade de não se desgastar com as flutuações da moda, mesmo quando vira moda”. O que ressalta a beleza individual de todos os corpos como legítimas na vida social, e não descarta os diversos meios de intervenção sobre os corpos que podem sim serem utilizados, mas de maneira consciente e não apenas seguindo só o que está colocado na moda.

Por fim, Sant’anna (2002, p. 30) afirma que em nossa época:

o grande problema não é tanto o de encontrar estímulos para liberar e embelezar o corpo, mas sim o de fazê-lo com dignidade e ética, escapando da tendência generalizada de transformar qualquer valor físico num valor de mercado (p. 30).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. RJ: Vozes, 2003.

BETTI, M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação Física. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

BETTI, M.; PIRES, G. L. Mídia. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997. 96p. Volume 7, Educação Física.

\_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114 p. Volume 7, Educação Física.

BUCHALLA, A. P.; PASTORE, K. Revista Veja 1741. Edição Especial: Corpos à venda. Rio de Janeiro: Editora Abril, p.84, março 2002.

CARVALHO, A.; PINTO, M. V. Ser ou não ser... Quem são os adolescentes? In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. (orgs). Adolescência. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT' ANNA, Denise Bernuzzi (org). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DAÓLIO, J. A construção cultural do corpo humano. In: DAÓLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. 12 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

DEBORTOLI, J. A. O. Adolescência (s): Identidade e formação humana. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. (orgs). Adolescência. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FIGUEIRA, M. L. M. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. RJ: Vozes, 2003.

FILHO, L. C. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1991 apud MELO, J. P. Esquema Corporal. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

FONTANA, R. A. C. O corpo aprendiz. In: CARVALHO, Yara Maria; RÚBIO, Kátia. (orgs). Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 22 ed. RJ: Graal, 2006.

FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia (org). Corpo e História. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GALLO, S. Ética e cidadania: caminhos da filosofia. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. RJ: Vozes, 2003.

GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

KANT, I. Crítica da faculdade do juízo. RJ: Forense Universitária, 1995.

LARAIA, R. B. Cultura: Um conceito antropológico.

MAFFESOLI, M. No fundo das aparências, 3 ed.; tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, Vozes, 2005.

MARASCA, M. Estética. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

MELO, J. P. Esquema Corporal. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

PICH, S. Cultura Corporal de Movimento. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs) Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

QUEIROZ, M. P. M. Corpo de Vênus: mediações sociais formativas dos valores estéticos corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade. (Dissertação, Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SAIKALI, C.J. et al. Imagem corporal nos transtornos alimentares. Rev. Psiqu. Clin. 31 (4); p.164-166, 2004.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org). Corpo e História. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. Identidade Corporal. In: Corpo Prazer e Movimento. São Paulo, 2002, p.25-31. (Edição Especial do SESC de São Paulo).

SHILDER, P. A Imagem do corpo: as energias construtivas da psique. Tradução Rosanne Wertman. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, R. A.; SOARES, R. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. RJ: Vozes, 2003.

SOARES, C. L. Apresentação. Caderno Cedes, Campinas, n. 48, 5-6, agosto de 1999 apud SOUZA, S. A. F. Corpo e imaginário social: o discurso de jovens. (Dissertação, Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

SOUZA, S. A. F. Corpo e imaginário social: o discurso de jovens. (Dissertação, Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

STEIBERG, S. R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C.; SANTOS, E. S. (orgs). Identidade social e a construção do conhecimento. Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1997.

VAGO, T. M. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920). Educar, Curitiba, n. 16, p. 121-135. 2000. Editora da UFPR

\_\_\_\_\_. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto / 99

VILLAÇA, N.; GÓES, F. Em Nome do Corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 224 p.

WERNECK, C. L. G. Educação Física: novos olhares sobre o corpo. In: SOUZA, Eustáquia Salvadora; VAGO, Tarcísio Mauro. (orgs). Trilhas e Partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

Yahoo! Brasil. Desenvolvido pela Redação Yahoo, 05 de out. 2009. Apresenta reportagem: “Revistas apelam a gordinhas em busca da beleza ‘real’”. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/s/05102009/48/entretenimento-revistas-apelam-gordinhas-busca-da.html>. Acesso em 05 out. 2009.